

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO
SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Amalia Flores (D.);—Albertina Paraiso (D.);—Alice Moderno (D.);—Antonio Fajaga;—Athero Figueiredo;—Arthur Soares;—Braulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmino Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Gonçalo Huel Bacellar;—Hippolito Maya;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Solto-Mayor (D.);—Marianna Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Novaes, etc., etc.

UMA LUCTA DE POETAS

(Conclusão)

HA ainda duas estocadas, mutuamente despedidas pelos dous contendores, que merecem ter cabimento n'esta breve noticia de tão acirrada lucta.

Semêdo dizia:

Se máus e bons atassalhas,
Se tudo a cito lacéras,
Nas chochas trovas, que espalhas,
De quem louvores espéras?

Repara que todo aquelle,
Que a louvar-te se proponha,
Vai applaudir sem vergonha
O mal, que tens dito d'elle.

E o facto é que o golpe attingia perfeitamente o alvo, porque effectivamente em Bocage, como em outros escriptores sem prohibidade litteraria, o louvor e o vituperio ao mesmo individuo, significavam apenas duas oscillações do mesmo pendulo.

Bocage correspondia assim ao auctor das duas quadras acima transcriptas:

Intruso no Apollineo sanctuario,
Dar leis a cegos, illudir pedantes,
Uivar entre as freneticas Bacchantes,
Qual vago lobisome em seu fadario.

Vôar de dictionario em dictionario
Pilhando aqui e alli porções brilhantes,
Aguarentar com mãos surripiantes,
Pigmeo de Cintra, teu verboso erario;

Pôr fofos versos, compassar tregeitos,
Converter em trovão qualquer suspiro,
Em tarda prosa cham roçar preceitos;

Com remendadas purpuras de Tyro
Vestir absurdos, embuçar defeitos:
Eis os progressos do pavão Belmiro.

O duello prolongou-se até que um dos combatentes cahiu por terra, não aos golpes do outro, mas sobre a pallida mão de uma doença incuravel.

Bocage jazia no leito, victima de um fatal

aneurisma, que ia cortar-lhe os dias da existencia. Curvo Semêdo apresenta-se em casa do seu antigo e implacavel émulo, estende-lhe a mão de amigo, e esta mão é soffregamente apertada pelo poeta quasi agonisante, mas cuja morte proxima ainda se não suspeitava. A paz entre os dous é asselada agora com as duas seguintes peças, que aqui deixaremos como aureo remate a este breve artigo:

DE SEMEDO A BOCAGE:

Ao som da lyra o thracio, egregio vate
Demanda as tristes regiões do lucto;
Encanta as furias, e adormece o bruto,
Que no Orco ás sombras por trez boccas late.

Obtem do esposo da triforme Hecate
Da amada a posse, de suspiros fructo,
Que a maga força de seu canto arguto
Lhe affiança o ledo, insolito resgate.

Mas se trouxe da estancia somnolenta
De novo ao mundo a misera consorte,
Da lei geral foi victima cruenta.

Mais digno Elmano do favor da sorte,
Como do Lethes o seu nome exempta,
Salva seus dias do furor da morte.

Bocage respondeu pelos mesmos consoantes:

Maga lyra de amor, que ao thracio vate,
Lá na estancia fatal dos ais, do lucto,
Dêste ameigar o enorme, horrivel bruto,
Que no férreo portão braveja e late:

Lyra piedosa, que apiedando Hecate,
Colheste em chão de morte um doce fructo,
Revives no aureo plectro, ameno, arguto,
Do lethal captiveiro alto resgate.

Sim, divino cantor, na somnolenta
Mansão das parcas se a gentil consorte
Visses em flôr cair, por lei cruenta;

Pórtas d'Orco (arrancando a chave á sorte)
Desfechâras co' a mão de susto exempta,
E outro milagre soffreria a morte.

Philon.

ANCIAS

Concentram-se no peito
Os echos de esta dôr...
—Um temporal desfeito
Por sobre um mar de amor!

Sempre, quando me deito
Eu ergo a vós, Senhor!
O coração affeito
A's ancias de esta dôr.

E a minha eterna pena
O vosso olhar serena,
O vosso olhar acalma.

Mostrando a negra cruz
E diffundindo a luz
Que nos arrouba a alma...

Porto-85.

Albertina Paraiso.

NA PRAIA

(DEVANEIO)

O coração do Mar, um coração gelado
Que aquelle enorme peito ha muito tempo encerra,
No seu pulsar de horror, altivo e desvairado,
Parece que procura um seio sobre a terra.

E as fundas convulsões que sobre as ondas correm
D'aquelle coração de gelo, palpitante,
A principio febriz, vão affrouxando e morrem
D'encontro á meiga praia, a sua eterna amante.

**

Meu triste coração, um coração ardente,
Que este meu pobre peito intimamente abriga.
A's vezes n'um pulsar frenetico, descrente,
Procura, desvairado, uma esperança amiga...

E as fundas commoções que no meu peito crescem
Com este desvairado e fervido pulsar,
Como n'um peito exangue, abatem, desfallecem
De encontro ao teu bemdito e casto e meigo olhar.

Povoa de Varzim, Setembro de 85.

Braulio Caldas.

O TEU OLLHAR

A' minha cara amiga, a Exc.^{ma} Sur.^a D. Esther Bem Saude.

Um dia, o sol descuidado,
Porque estava a... *namorar*,
Deixou descahir, (coitado!)
Um bello raio solar!

Viste-o cahir, e apanhando,
O bello raio solar,
Foi a luz d'elle, passando,
Para o teu magico olhar!

E agora, nas noites bellas,
N'estas noites estrelladas,
Se te litam as estrellas,
Escondem-se envergonhadas.

Escondem-se e com enfado,
Essas rainhas do ceu,
Ao ver seu brilho eclipsado,
Pelo brilho do olhar teu!

S. Miguel, Açores-1885.

Alice Moderno.

O CREDITO D'UM ORADOR

O tio Domingos, honrado taberneiro da minha freguezia, é um d'aquelles homens bem comportados, que nunca foi infiel á sua cara Victoria, que tomou por mulher na sua mocidade; e hoje que o homem está velho, ainda assim, mede a sua meia canada, sem lhe tremer a mão, em prejuizo dos freguezes.

O seu a seu dono tem sido a divisa do honrado vendeiro, e não é d'aquelles a quem S. Vicente Ferreira pediu um cantaro de vinho.

E como fallamos em tal santo, contaremos entre parenthesis uma historia.

Eil-a:

X

Um vendeiro pediu ao santo que fallasse contra os caloteiros, em certo sermão, a vêr se os seus devedores lhe pagavam o quê deviam.

O santo prometeu satisfazer ao pedido do vendeiro, mas em recompensa exigiu antes um cantaro do seu vinho.

O vendeiro corre a casa apressado, sangra da vazilha um bom almude, e corre a levar-o ao santo.

Este, logo que o offerente chegou, manda vir um vaso da capacidade do liquido, colloca em cima d'elle a ponta do seu habito e diz ao vendeiro que quer o vinho coado d'esta sorte.

O vinho passou rapidamente, mas na capa do santo ficou uma grande quantidade de agua! Que decepção para o pobre homem!

—Irmão, lhe disse o santo, vós sois o que roubaes e portanto como vos hão-de restituir?

O vendeiro voltou corrido para sua casa, e d'ahi por diante o seu vinho ficou acreditado.

X

Pois os vinhos do nosso tio Domingos tiveram sempre bom credito. Hoje o filho, casado com uma rapariga loira, capaz de fazer peccar um santo no nono mandamento, ainda não desmereceu o credito do pae, pelo menos na venda do seu vinho, que no mais, a respeito de franqueza de character, é um pouco velhaco e tem um tanto de mexeriqueiro.

E' o correio leva e traz de um commendador, anda sempre mettido em eleições com tal typo, e é capaz de enredar em mexericos o mais descuidoso parceiro.

Perdoando-lhe estas fraquezas, o pobre diabo não é mau no fundo. E' um typo de sachristão de aldeia, gosta de cobrir uma ópa em dia

da festa grande da freguezia, e se ha sermão na egreja não falta a elle e faz o seu juizo critico do orador.

O certo é porém, que em tempo, nenhum orador que á freguezia viesse prègar, sahia com boa fama oratoria.

Um prègava o sermão d'este santo e o povo no mesmo dia dizia:

—Não prestou para nada!

Continuavam as festas, succediam-se os oradores e o povo repetia:

—Não presta!

Voltavam oradores de fama e sempre:

—Não presta!

E já não havia quem quizesse vir prègar á minha freguezia!

Custou um dia a fazer acceitar a um ecclesiastico, orador de mão cheia, o sermão do santo padroeiro, e este orador teria a sorte dos outros se não se dèsse o caso seguinte:

De caminho para a egreja passou pela venda do tio Domingos, e como ia abrazado do calor, desceu da burra e pediu um quartilho de vinho.

Teve que esperar por elle uns cinco minutos, porque a turba dos freguezes era immensa.

Em um compartimento proximo fallavam pelos cotovellos meia duzia de beberrões, entre os quaes se achava um que parecia dominar a situação.

—Amigos, disse aquella voz que todos escutavam, vamos ouvir o sermão de hoje, mas parece-me que ha-de ser tão bom como o do anno passado.

—E porque não ha-de ser um pouco melhor? disse outro, empunhando uma caneca de litro.

—Ora, porque ha-de ser senão porque os padres não estudam nada, nada absolutamente!

—Ora essa!

—Pois é verdade, amigos; todos elles no principio do sermão têm citado um capitulo dos Evangelistas, e ainda não ouvi nenhum que citasse mais que o capitulo vinte e nove. Se elles estudassem, decerto algum dia citariam um numero mais elevado.

O padre, ouvindo isto, sahio da taberna, sem que ninguem presumisse que era elle o orador do dia e sem que o orador da taberna o tivesse visto.

Quando o padre se achou no pulpito, principiou, estendendo a dextra para a porta travessa, onde já estava perfilado o bebedor:

«*Nunquam sic locutus est homo, sicut hic homo!*»

E accrescentou:

«S. João, capitulo nove mil nove centos e noventa e nove.»

×

E ainda hoje se falla na minha freguezia d'aquelle sermão!

Vejam onde está o credito de um orador, principalmente os que tiverem de prègar na minha freguezia.

O freguez da taberna ainda hoje diz:

—Aquillo é que foi sermão!...

A MINHA ESTRELLA

(A MEU PRIMO, ALBANO COELHO)

Segui offegante, anciosa,
o rastro febril, candente,
d'essa estrella refulgente,
entre as outras mais radiosa.

Vi esse astro luminoso,
d'um scintillar que inebria:
a lua—suave guia
do coração venturoso!

A minha estrella, assomou
com luz refulgida, intensa!
Mas, nuvem luctuosa, densa,
seu brilho ethereo offuscou!

E' de balde que eu lhe imploro,
d'essa luz o firme guia:
persiste opaca, sombria
a minha estrella, que adoro!

Povoação—85.

Marianna Coelho.

DIDACTICOS

A mulher, ordinariamente, despreza a mais sincera affeição para se deixar algemar por outra, que apenas tem por corôa—a mentira.

×

A indifferença irreflectida, com que a mulher paga a sympathia muitas vezes, mais tarde soffre a pena do arrependimento e cède, até, á força do dever, quando as causas, que destroem aquella, tem a unção da—justiça e da—verdade.

×

O soffrimento é a virtude mais abençoada que pôde encerrar o coração da mulher.

×

Ha mulheres que, movidas pela inveja, e com o encanto da serpente, egualam a rapoza na astucia, e o tigre na malvadez.

Vianna

Pereira de Castro.

DESEJO

(A CARLOS CALIXTO)

.....
.....
.....

Eu quero n'um beijo ardente
Que me sorvas alma e vida
Meu amor!

G. Junqueira.

Um beijo só...? não sejas tão avara...
Inda se fosse um beijo interminavel...
Transigiria, por ser coisa rara...
(Que eu nunca pude amar o impenetravel...)

Mas sendo assim, tão curto... ó pomba cara!
E um só... de mais a mais... é detestavel!
Tão pouco tempo nos meus lábios para
A fina essencia, extranha, incomparavel,

Que tu lhe filtras com ingenho e graça!...
Eu — arabe sequioso — desejava
Na tua bôcca construir a taça,

Onde libasse esse licôr incerto,
Que, (embora seja ardente como a lava...)
Seria o *oasis* d'este meu deserto...

1884.

Teixeira Coelho.

CALINADAS

Perpetrara-se um assassinato. O cadaver, encontrado n'uma estrada, foi conduzido para uma casa, e guardado até que alguém o reclamasse.

Apparece um lavrador:

— Meu pobre João Caetano!

— Conhece-c? — perguntam.

— Oh! como as minhas mãos.

— Então tem algum signal particular, pelo qual prove a identidade?

— Tem, sim senhor. O meu amigo era mudo. Se este tambem o fôr...

X

O *Dó... mi...* o «Domingo», deu casca e foi a parede, já se vê.

Escreve elle:

«... elle (o auctor) não nos authorisou a fazer qualquer alteração e como na *Rosa*, nos deu provas de algum saber...»

Basta, basta. Sciencia até allí!

Segue, porém, o disparate:

«... na poesia em questão não reflectimos quanto era necessario.»

Não? E' admiravel!

Ora leia lá o que se dizia no n.º 2 do «Domingo»:

«Temos em nosso poder, além de varios artigos que muito agradecemos a seus amaveis authores, uma *preciosa* poesia a *Rosa*, que é *verdadeiramente um primor.*!!!...»

E agora?

Admirem o *primor* da *Rosa* e a tolice do *Dó... mi...*

Porque mãos anda o jornalismo! Ail pobre jornalismo!...

X

No n.º 4, o jornal dos *jovens sem letras*, patinha, em lagrimas:

«As gravuras que demos durante este mez, custaram-nos muito dinheiro, e a mudança de typographia importou-nos bons cobres; o jornal pequeno viveu sem annuncios; d'aqui, receita nada; exposto á mercê de 1:000 assignantes em Braga tão bom dia 600 ou 700, despeza tanto, receita menos;» (Vossencias entendem o diabo do homem?—Nós, não!) «concluimos: visto que o

jornalinho não dá lucro para o academico *manducar*... etc.

Em que pensas, porco?—Na bolota.

Estes pobres diabos tambem assim são.

Só pensam em comer!

De resto, a prosa do «Domingo» é assim:

«Onde digo Digo digo que não digo Digo mas que digo. Diogo...»

Quem te manda a ti, sapateiro, tocar gaita de fole?

CHARADAS GREGAS

Grega—1.

Má:—1.

Papa

La!

E' grega da primitiva,—2

Mas não é lá das melhores.—1

Foi bem rica e bem activa,

Mas hoje... tempos piores!

Pobre, triste, arruinada

Em Lisboa inda é fallada.

E' grego,—1

E' mau.—1

Mas, bello e profundo,

Athenas espelha.

Inveja-o o mundo.

E' grego, é grego e é grego 1—1

Troiano.

CHARADA PREHISTORICA

EMBELLEZA tuas faces

Do mais engraçado pejo:—2

Conserva-se illezo e puro,

Qual meu intimo desejo.—1

E' um abysmo de affectos,

E' o throno que eu te dei,

Onde um teu ligeiro voto

Faz minha soberana lei.

LOGOGRIPO

(A. B. C.)

Quando nos labios lhe paira,—1, 2, 8, 8, 7, 1, 2

E' deusa d'encantos cheia;—4, 5, 6, 3, 1

E' o symbolo d'alvura;—6, 5, 4, 5

Tambem ata, prende e enleia.—6, 2

Para os que vivem distantes,

Exprime grande tristeza;

Não procures cá no reino

Porque é d'origem franceza.

F. Miranda.

Solução da charada em verso do n.º anterior—*Casa-ment-eira*; do logogripho—*Carmona*.